

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes
Comunicação e Multimeios

VICTOR GABRIEL ENGER BALTHAZAR

(BI)CHAS: A BISSEXUALIDADE E O SER AFEMINADO

São Paulo
2020

VICTOR GABRIEL ENGER BALTHAZAR

(BI)CHAS: A BISSEXUALIDADE E O SER AFEMINADO

**Memorial apresentado para a conclusão da
disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II,
Curso de Comunicação e Multimeios da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Orientador: Profº. Drº. Renato Levi Pahim**

VICTOR GABRIEL ENGER BALTHAZAR

(BI)CHAS: A BISSEXUALIDADE E O SER AFEMINADO

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Renato Levi Pahim

Prof.^a Dr.^a Ane Shyrlei de Araújo

Prof.^a Dr.^a Lúcia Isaltina Clemente Leão

EPIÍGRAFE

“Nós estamos cansados.” — Trecho do Manifesto Bissexual, texto publicado originalmente em 1990, pela revista “Anything That Moves”.

“Don't you ever let a soul in the world tell you that you can't be exactly who you are.”
— Lady Gaga

DEDICATÓRIA

Dedico este documentário a todos os membros da comunidade bissexual que, assim como eu, estão cansados de lutar por reconhecimento dentro e fora da comunidade LGBTQIAP+ e que, diariamente, sofrem ao ter sua sexualidade invalidada, questionada, ou desrespeitada.

Dedico à memória de todos aqueles que já se foram e lutaram para que eu tivesse a liberdade de produzir este documentário e de ser quem eu sou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu professor Dr. Renato Levi Pahim pela orientação, e às professoras Dr.^a Ane Shyrlei de Araújo e Dr.^a Lúcia Isaltina Clemente Leão pela participação na banca examinadora.

Agradeço aos participantes do documentário, Matheus Delfino, Tiago Moura, Gabriel Moreira e Caíque Gomes, por terem aceitado fazer parte desse projeto e dividido comigo e com a comunidade relatos tão íntimos e relevantes.

Agradeço, ainda, a Luara Lima, por sua contribuição no processo de roteirização.

RESUMO

Desde os primórdios da história do cinema, o documentário tem se proposto a retratar e questionar a realidade. Recentemente, o documentário tem se mostrado, também, uma poderosa ferramenta para as mais diversas militâncias.

A realização deste filme explorou as vivências diversas de homens bissexuais, em especial os **afeminados** - um dos grupos mais invisibilizados dentro da comunidade LGBTQ+.

Com a realização de (BI)CHAS: A Bissexualidade e o Ser Afeminado, objetivou-se expandir a representatividade LGBTQ+ no audiovisual para além do horizonte de homens gays, cisgêneros, e brancos e, dessa forma, promover visibilidade para a comunidade bissexual. Além disso, os objetivos foram produzir conteúdo sobre homens bissexuais **afeminados** e questionar aspectos da heteronormatividade das relações.

O documentário foi produzido a partir de entrevistas realizadas através de videoconferência, além de contar com material de arquivo disponível na internet sobre o assunto. Assim, relacionando a história de diversos personagens, foi tecida uma narrativa baseada nos pontos em comum e divergentes nas vidas dessas pessoas.

Palavras-chave: documentário, bissexualidade, performance.

ABSTRACT

Since the beginning of the history of cinema, the documentary genre has set out to portray and question reality. Recently, it has also included itself as a powerful tool for the most diverse militant groups.

The documentary production explored the different experiences of bisexual men, especially the effeminate - one of the most invisible groups within the LGBTQ + community.

The objective was to expand the LGBTQ+ representation in the audiovisual media beyond white cisgender gay men in order to promote visibility for the bisexual community. In addition, the objectives were to produce content about effeminate bisexual men and to question heteronormativity.

The documentary was produced through videoconference interviews and also includes archive material on the subject available on the internet. Thus, relating the stories of several characters, a narrative was created based on the common and divergent points in the lives of these people.

Key-words: documentary, bisexuality, performance.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Bandeira do Movimento Bissexual.....	19
Figura 2 - Moldura utilizada.....	20
Figura 3 - Moldura utilizada.....	20
Figura 4 - Moldura utilizada.....	20
Figura 5 - Moldura utilizada.....	20
Figura 6 - Moldura utilizada.....	20
Figura 7 - Moldura utilizada.....	20
Figura 8 - Moldura utilizada.....	20
Figura 9 - Moldura utilizada.....	20
Figura 10 - Moldura utilizada.....	20
Figura 11- Moldura utilizada.....	21
Figura 12 - Moldura utilizada.....	21
Figura 13 - Frame da vinheta de abertura documentário.....	21
Figura 14 - Frame da vinheta de abertura documentário.....	21
Figura 15 - Frame do teaser.....	29
Figura 16 - Frame do teaser.....	29

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
3. CONCEITUAÇÃO DA OBRA	16
3.1. DIRETRIZ CONCEITUAL	16
3.2. DIRETRIZ AUDIOVISUAL	16
4. ETAPAS DE REALIZAÇÃO	19
4.1. ESTRATÉGIAS DE DIREÇÃO: DESTAQUES DA SINTAXE AUDIOVISUAL	19
4.2. ROTEIRO COM A ESTRUTURA NARRATIVA	20
4.3. TEXTOS DE NARRAÇÃO	21
4.4. MATERIAL DE ARQUIVO	22
4.5. DEPOIMENTOS E ENTREVISTAS; CAPTAÇÃO DE DEPOIMENTOS	24
4.6. RECURSOS E MATERIAIS UTILIZADOS	24
4.7. EDIÇÃO E MONTAGEM	25
5. PÓS-PRODUÇÃO	25
6. ESTRATÉGIAS DE VISIBILIDADES DO PRODUTO	25
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

1. INTRODUÇÃO

A bissexualidade sempre fez parte da história da humanidade. Desde a grécia antiga, há relatos da existência dessas pessoas - nesse contexto a bissexualidade masculina era, inclusive, completamente normalizada e até incentivada. No decorrer da história, no entanto, prevaleceu a chamada cis-heteronormatividade, que marginaliza quaisquer vivências que fogem de um padrão estabelecido: o relacionamento entre homens e mulheres cisgêneros. Mais recentemente, na década de 80, a bissexualidade foi alvo de estigma durante a epidemia do HIV e da AIDS - nessa época, os homens bissexuais passaram a ser erroneamente vistos como “vetores” de infecções sexualmente transmissíveis. A ideia era de que, por se relacionarem com homens e mulheres, estes seriam responsáveis por trazer para o meio heterossexual um vírus que até então acreditava-se infectar apenas os homossexuais. Décadas se passaram, porém o velho estigma parece ainda ser a fonte de muito preconceito - tanto dentro como fora da comunidade LGBTQ+.

Como reflexo das crescentes possibilidades de afirmação, do maior acesso à informação sexual e, conseqüentemente, das discussões sobre as questões de gênero, cada vez mais torna-se comum encontrar conteúdo sobre a bissexualidade na internet. É notável, no entanto, uma carência de conteúdo documental especificamente direcionado para os homens bissexuais, mostrando-se assim a necessidade urgente de uma produção deste tipo.

Já no começo da história do cinema, o audiovisual era usado como uma plataforma para o registro e interpretação da realidade humana. Desde sua fase embrionária, pôde-se observar que o gênero documental não se constitui apenas na captação da realidade, mas que também pôde contar com elementos de encenação - a exemplo de filmes como “O Café da Manhã do Bebê” (Irmãos Lumière, 1895) e “Nanook, O Esquimó” (Flaherty, 1922).

O documentário pode, também, servir como ferramenta de militância e promover visibilidade a uma causa. Assim fez Rita Moreira em seu Documentário “Temporada de Caça” de, 1988. A diretora denuncia uma sociedade assumidamente homofóbica e violenta no período do auge da epidemia de HIV e AIDS. Em entrevistas nas ruas, as pessoas destilam seu ódio gratuito e afirmam, sem qualquer pudor que os homossexuais deviam ser exterminados. Há também depoimentos de pessoas da comunidade LGBTQ+, que relatam suas vivências do outro lado da

moeda. Na época, é claro que a circulação desse tipo de conteúdo era muito mais limitada. Atualmente, é possível produzir esse tipo de filme e aproveitar-se das diversas plataformas digitais disponíveis, tornando sua veiculação e abrangência muito maior, promovendo, assim, uma maior visibilidade também para o tema.

O documentário de Rita, no entanto, assim como a maioria da produção LGBTQ+ do país, se concentra nas narrativas dos homens gays - e, dentro desse recorte, ainda mais especificamente os brancos, de classe média, cisgêneros e magros - características que também refletem a massa do público alvo e também dos produtores desse tipo de conteúdo. Assim, diante deste cenário de representatividade seletiva, mostra-se necessária a produção de conteúdo *queer* feito e direcionado a outros recortes dentro da sigla.

Exemplo de conteúdo que foge dessa representatividade tão restrita é o documentário “Bixa Travesty” (Claudia Priscilla, Kiko Goifman, 2018), vencedor do prêmio de Melhor Documentário do Teddy Award da Berlinale – Festival Internacional de Cinema de Berlim. O filme acompanha a vida de Linn da Quebrada, cantora trans negra, cuja performance é marcada por sua quebra com os estereótipos de gênero, raça e classe. A realização e o sucesso internacional desse tipo de documentário demonstra como é possível explorar de forma frutífera esses tipos de narrativas pouco contempladas e tão cheias de demandas e preconceitos perante a sociedade.

(BI)CHAS: A Bissexualidade e o Ser Afeminado então, já demarcou seu diferencial a partir de seu recorte pouco usual: a realização de um documentário que explora as vivências e especificidades dos homens bissexuais - concentrando-se, mas não limitando-se aos homens bissexuais **afeminados**, que são ainda menos discutidos e representados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar esse projeto, será necessária a conceituação de três aspectos - o documentário, a bissexualidade e a performance de feminilidade. Ao abordar o conceito de documentário, percebe-se que, para muitos, este não é um gênero muito bem delimitado. O documentário, segundo Arlindo Machado, é na verdade definido através da negação da ficção. Seria, portanto, algo em que deve-se acreditar como sendo a verdade. No entanto, esta é uma definição parcial e que não mais contempla o vasto campo de produções que classificam-se como documentário e as relações da audiência para com os conteúdos audiovisuais.

[...]espera-se que, no documentário, assim como no telejornal, as coisas se passem de forma diferente, ou seja, eu preciso acreditar na veracidade daquilo que estou vendo e ouvindo.” (MACHADO, 2011,p.3)

Em seu livro “Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção”, Sérgio Puccini Soares afirma que documentário é uma produção que se ancora em ocorrências do real. Assim, tudo que a câmera capta é, a priori, um registro do real, sejam estas imagens “depoimentos, entrevistas, tomadas in loco, imagens de arquivo”. As imagens captadas, então, servem como testemunho e conferem credibilidade ao documentário. Nesse contexto, a encenação pode ser usada como recurso, como elemento que ilustra:

o filme irá reunir e organizar uma série de materiais para formar uma asserção sobre determinado fato que é externo ao universo do realizador. Na prática, o roteirista de documentário trabalha com uma maior diversidade de materiais fílmicos em que o recurso à encenação vem a ser apenas um entre múltiplas possibilidades de tratamento visual e sonoro do filme.” (PUCCINI, 2009, p.39)

No entanto, as fronteiras entre o documental e a ficção não são completamente sólidas. Para Machado, ainda, o documentário, além de ser uma negação da ficção, pode ainda conter elementos de questionamento, ser uma espécie de negação ou problematização de si mesmo: surge daí o conceito de documentário experimental. O Documentário experimental busca libertar-se e flexibiliza as regras comumente estabelecidas do gênero documental, explorando novos campos e possibilidades.

[...] surgiu então uma terceira categoria: o experimental, que também se definia por negação, ou seja, experimental é tudo o que não pode ser enquadrado nem como ficção, nem como documentário. Mas recentemente começou-se a falar (e até produzir eventos relacionados) em “documentários experimentais”, ou seja, estamos agora diante de um conceito de

documentário que representa uma dupla negação: a negação da ficção e a negação do próprio documentário.” (MACHADO, 2011, p.7)

Para que se possa fundamentar adequadamente a realização de “(Bi)chas: A Bissexualidade e O Ser Afeminado” é preciso, ainda, compreender o que é a bissexualidade e quais são as suas problemáticas específicas.

Os relatos sobre a bissexualidade remontam ao tempo dos gregos, onde esta era não apenas normalizada como incentivada. Apesar da experiência com a sexualidade na antiguidade ser muito diferente da contemporânea, é notável que desde então não se enxergava nessa prática uma natureza binária - essa discussão é pertinente até hoje, pois o radical “bi” comumente leva a esta conclusão. Assim explica Foucault em “História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres:

Bissexualidade dos gregos? Se quisermos dizer com isso que um grego podia, simultânea ou alternadamente, amar um rapaz ou uma moça, que um homem casado podia ter seus paidika, que era corrente, após as inclinações "para rapazes" na juventude, voltar-se de preferência para as mulheres, então, pode-se muito bem dizer que eles eram "bissexuais". Mas se quisermos prestar atenção à maneira pela qual eles refletiam sobre essa dupla prática, convém observar que eles não reconheciam nela duas espécies de "desejos", "duas pulsões", diferentes ou concorrentes, compartilhando o coração dos homens ou seus apetites. Podemos falar de sua "bissexualidade" ao pensarmos na livre escolha que eles se davam entre os dois sexos, mas essa possibilidade não era referida por eles a uma estrutura dupla, ambivalente e “bissexual” do desejo. A seus olhos, o que fazia com que se pudesse desejar um homem ou uma mulher era unicamente o apetite que a natureza tinha implantado no coração do homem para aqueles que são "belos", qualquer que seja o seu sexo. (FOUCAULT, 2012, p.168)

Na comunidade LGBT, no entanto, não há um consenso estabelecido quanto à definição exata de bissexualidade - isso se deve principalmente à existência de divergências nas discussões sobre gênero e a um apagamento histórico dessas questões, que são primariamente pertinentes à comunidade trans. Nesse contexto, é comum que se discuta, por exemplo: quantos e quais gêneros “existem” ou “se são “legítimos”? Por quantos e quais desses gêneros um bissexual é capaz de se atrair? Qual seriam as diferenças entre a bissexualidade e a panssexualidade?

É necessário, então, ter cautela e adquirir uma perspectiva histórica para que a bissexualidade não seja interpretada erroneamente como transfóbica.

Morfologicamente o radical bi indica, sim, o número dois e, inicialmente, isso se referia a dois gêneros - homem e mulher. No entanto, com o avanço das pautas da comunidade trans, passa-se a compreender o espectro de gênero entre esses dois pólos - surgem aqui, as identidades não-binárias. O radical bi, então, deixaria de fora essas pessoas. Houve, então, o momento da ruptura - uma parte da comunidade bissexual passa a ressignificar a bissexualidade de diversas maneiras: “atração pelo mesmo gênero e por outros”, “atração por dois gêneros” ou mesmo “atração por dois ou mais gêneros”. Outra parte da comunidade opta pela criação de um novo rótulo, com uma definição única - a panssexualidade, atração por todos os gêneros. Assim, percebemos que a diferença entre os movimentos bissexual e panssexual é, essencialmente, de caráter histórico. Fica claro, então, a importância da auto-identificação quando se trata de sexualidade, exemplificada na fala de Elizabeth Sarah Lewis em sua dissertação de mestrado, “‘Não é uma fase’: construções identitárias em narrativas de ativistas lgbt que se identificam como bissexuais”, onde ela retoma o posicionamento de Judith Butler em sua Teoria Queer:

[...] as identidades não são expressões de alguma essência fixa interna, mas são dinâmicas e co-construídas discursivo-performativamente na linguagem e nas interações [...] as categorias da sexualidade que usamos (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, etc.) não são fatos naturais, mas são sócio-histórico-culturalmente construídas. (LEWIS, 2012, p.16)

Em relação aos conflitos vividos pela comunidade bissexual, é sempre importante destacar o lugar de especificidade que a bifobia ocupa: não há, por parte dos bissexuais, em geral, um sentimento de pertencimento - nem à comunidade LGBT, nem ao mundo cis-heteronormativo. São comuns as sensações de uma espécie de síndrome do impostor, onde a pessoa passa a questionar a própria sexualidade em função das pressões externas que sofrem - são frequentes falas que sugerem que a pessoa bissexual é confusa, indecisa, ou apenas está passando por uma “fase”.

Porém, as pessoas que se identificam como bissexuais (e as pessoas que são identificadas como bissexuais por causa de suas práticas sexuais) muitas vezes acabam sendo alvo de discriminações duplas. Frequentemente sofrem preconceitos por pessoas que se identificam como heterossexuais e pelas que se identificam como homossexuais, por não se enquadrarem dentro das categorias binárias normativas da

sexualidade: ou heterossexual, ou homossexual. Desta maneira, as pessoas que se identificam ou são identificadas como bissexuais frequentemente experimentam pressões para se normatizar vindo de ambos os lados do binário heterossexual/homossexual, ou ambos os “grandes blocos identitários” nas palavras de Mengel (2009: 43). Apesar de a homossexualidade ser o lado marginalizado do binário heterossexual/homossexual, ela tem sido consolidada como uma das (duas) opções de sexualidade construídas pela sociedade atual. (LEWIS, p.35, 2012)

Além disso, é notável também como a falta de representatividade de bissexuais nas mídias em geral - televisão, cinema, vídeo, etc - resulta em um apagamento geral dessas identidades: não há, no imaginário coletivo, a construção de uma imagem do que é um bissexual, assim como se construiu a ideia do que significa ser cisgênero, heterossexual, gay ou lésbica.

Quando se trata de performance, por muitas vezes, espera-se que o bissexual tome para si os estereótipos já existentes ou, então, que encontre uma espécie de meio termo entre eles. Isso é ainda mais perceptível quando se fala da masculinidade dos homens: por relacionar-se também com mulheres, é esperado do homem bissexual uma postura mais masculina ou viril, similar àquela que se espera de um homem hétero. É também pertinente ressaltar como a performance e a sexualidade nem sempre andam juntas - a exemplo da grécia antiga. Apesar da normalização da bissexualidade, a feminilidade e a promiscuidade no homem ainda sim eram mal vistas nesse contexto.

Quanto às noções de “tolerância” ou “intolerância”, elas também seriam muito insuficientes para dar conta da complexidade dos fenômenos. Amar os rapazes era uma prática “livre”, no sentido de que era não somente permitida pelas leis [...], como também admitida pela opinião. [...] Enfim, era uma prática culturalmente valorizada por uma literatura que a cantava, e por uma reflexão que fundamentava sua excelência. Mas a isso tudo se misturavam atitudes bem diferentes: desprezo pelos jovens demasiado fáceis ou demasiado interessados, desqualificação dos homens efeminados, dos quais Aristófanes e os autores cômicos zombavam frequentemente, rejeição de certas condutas vergonhosas como a dos devassos que, aos olhos de Cálicles, apesar de sua ousadia e de sua franqueza, era bem a prova de que nem todo prazer podia ser bom e honrado. (FOUCAULT, 2012, p.170)

É importante, no entanto, entender que os homens bissexuais também podem estar no espectro daquilo que se considera *queer* - fora da norma. Assim

sendo, nada impede e é perfeitamente possível que esses homens também performem uma feminilidade análoga àquela reconhecidamente performada por homens gays. Esse assunto é abordado por Ismar Inácio dos Santos Filho em seu doutorado “A Construção Discursiva de Masculinidades Bissexuais: Um Estudo em Linguística Queer”, de 2012:

[...] a feminilidade passava a atormentar o imaginário social do homem burguês, pois o homem homossexual e o homem bissexual eram percebidos como homens invertidos, logo desviantes, anormais. [...] Disso resulta um culto à masculinidade, ou seja, a diferença entre os sexos sai do caráter fisiológico para as regras, os papéis sociais, em uma tentativa burguesa de manter a ideia de homem e mulher, originárias na concepção de ordem das coisas do mundo. Assim, são elencados alguns traços representativos do que é ser homem e do que é ser mulher, entendendo que ser homem é não ser mulher e jamais ser homossexual. E o bissexual? Que compreensões existem a esse respeito? Tais traços vão versar sobre vestimenta, maneira de andar, comportamento, entoação de voz, forma física, musculatura, elegância, vigor físico, agilidade, coragem, bravura, heroísmo, etc. (SANTOS FILHO, p.66, 2012)

Dessa forma, percebemos como o homem bissexual encontra-se num limiar ou espaço de indefinição perante a sociedade, por relacionar-se com homens, mulheres e também pessoas não-binárias. Assim, essas pessoas se encontram num lugar de pressão social onde, frequentemente, é esperado que se performe uma masculinidade viril. Essa pressão, no entanto, é diferente daquela sofrida por homossexuais, pois enquanto destes é esperada uma mudança de comportamento que resulte em uma mudança na sexualidade (espera-se que o homem gay seja mais másculo e, portanto, deixe de ser gay), no caso dos bissexuais isso não é possível. O homem bissexual já se relaciona com mulheres, independente de sua performance, mesmo que esta seja predominantemente afeminada. Para o bissexual, na maioria das vezes é esperada uma masculinidade pois, socialmente, não foi criada a imagem do homem afeminado que se relaciona com mulheres - assim, o homem bissexual permanece invisível.

3. CONCEITUAÇÃO DA OBRA

3.1. DIRETRIZ CONCEITUAL

Como explicitado na introdução, foi realizado um documentário pautado em depoimentos acerca das vivências diversas de homens bissexuais - sejam estes afeminados ou não, frisando aspectos de representatividade, de relações humanas, de ocupação de espaços, questões de identificação, auto-afirmação e construção de identidades.

O documentário é, principalmente, constituído de entrevistas. Dessa forma, o ritmo e a montagem se deram a partir dos discursos dos personagens. As entrevistas adquiriram um tom coloquial, como numa conversa, de forma que os convidados se sentiram à vontade para compartilhar até mesmo os relatos mais sensíveis. O documentário foi construído a partir de um mosaico de vivências, de modo a tentar, na medida do possível, reproduzir a pluralidade da comunidade bissexual; a intenção era de que não se evidenciasse apenas um nicho desta.

Além disso, outra peça chave na construção do documentário foi o uso de material de arquivo, como conteúdo de redes sociais dos participantes, cenas de séries de televisão, clipes de música, etc. Isso foi essencial na narrativa, pois possibilitou contextualizar alguns aspectos da realidade de cada um dos participantes.

3.2. DIRETRIZ AUDIOVISUAL

A diretriz audiovisual confirma as diretrizes conceituais expostas acima. Dessa forma, houve - dentro das limitações impostas pelo formato das gravações realizadas à distância - um planejamento da paleta de cores, montagem e trilha sonora que reforçam as ideias principais a serem transmitidas.

Como as entrevistas foram feitas por vídeo chamada, a qualidade da imagem é naturalmente instável devido à variação no sinal de internet e também à qualidade da webcam de cada participante. Desta forma, esta dificuldade foi incorporada na linguagem do documentário e as entrevistas foram, então, reenquadradas para incluir uma moldura e não ocuparem a totalidade do quadro. Estas molduras contam

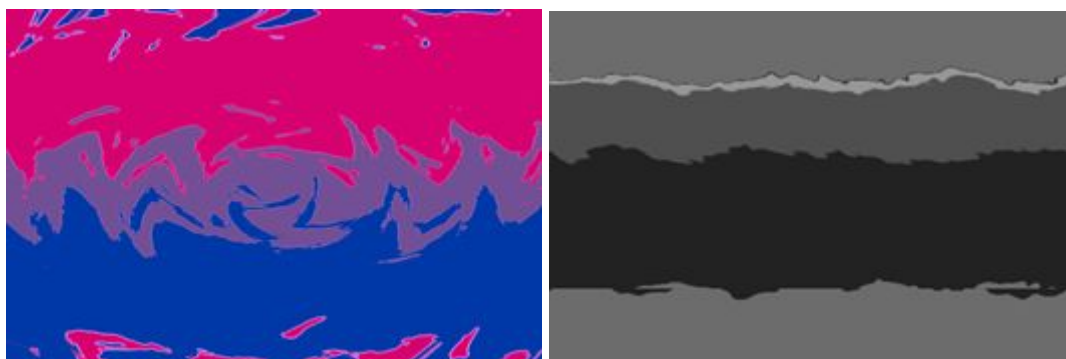
com diversas animações em magenta, roxo e azul (cores da bandeira do movimento bissexual) e são responsáveis pela unidade visual do filme. As molduras foram desenvolvidas a partir de diversas distorções da imagem da bandeira bissexual.

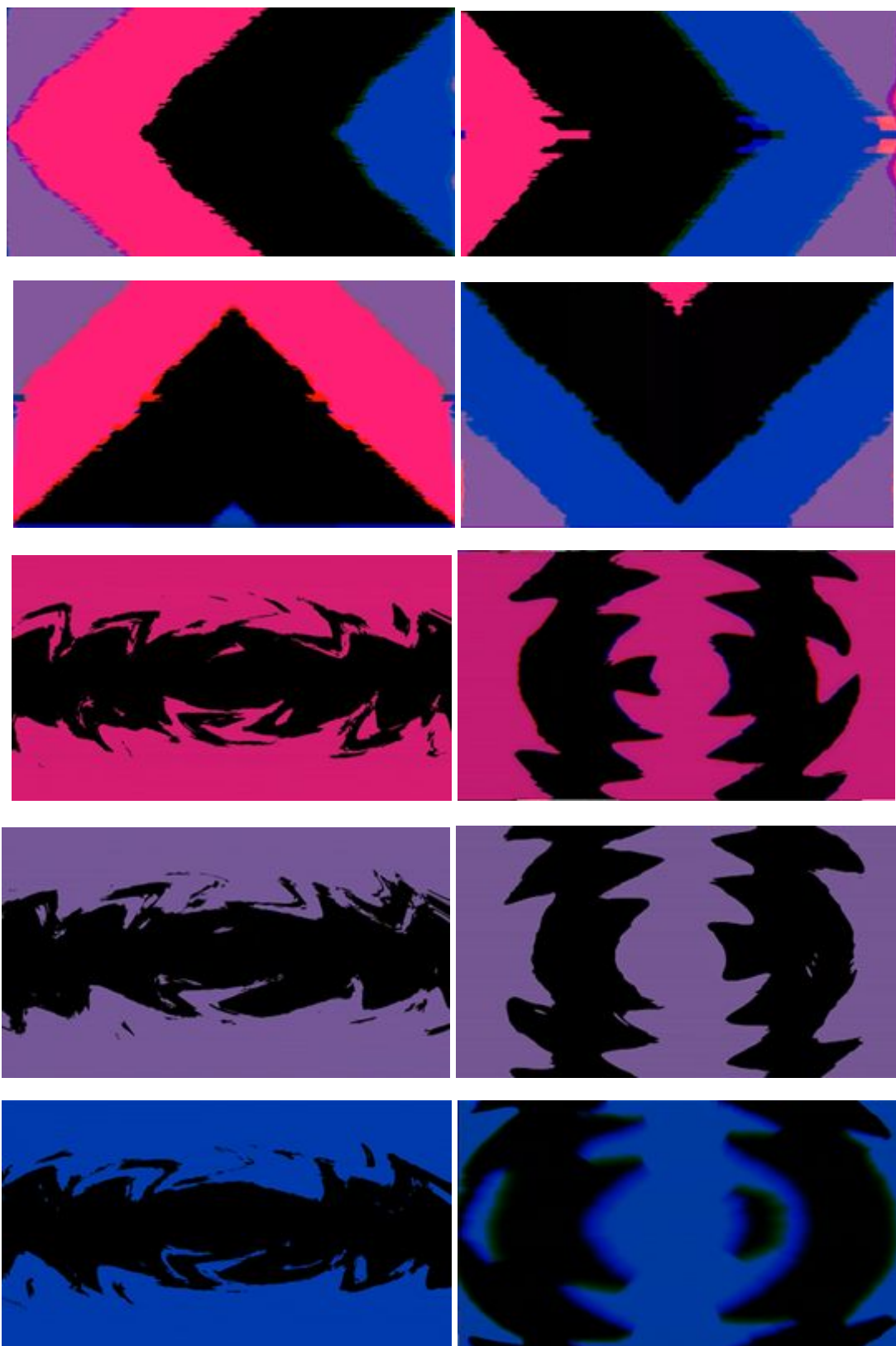
Paleta de cores:

- Pantone Color #226--Magenta (Hex: #D70270) (RGB: 215, 2, 112)
- Pantone Color #258--Deep Lavender (Hex: #734F96) (RGB: 115, 79, 150)
- Pantone Color #286--Royal (Hex: #0038A8) (RGB: 0, 56, 168)



Fig.1 - Bandeira do Movimento Bissexual - paleta de cores e matriz utilizada nas molduras animadas.





Figs.2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12 - Molduras utilizadas.

Além das molduras expostas acima, foram utilizadas também molduras neutras (em preto, branco, cinza, magenta, roxo ou azul sólidos - ou, ainda, com a

paleta de cores presente no plano em questão) nos momentos em que os relatos são mais sensíveis ou requerem maior atenção. Algumas dessas molduras foram utilizadas para a criação do logo e vinheta do documentário.



Fig.13 e 14 - frames da vinheta de abertura do documentário.

Em relação a mobilidade visual, o vídeo final foi exportado em resolução padrão FULL HD (1920x1080), de modo que é possível reproduzi-lo nos mais diversos aparelhos - celulares, computadores, televisões, entre outros.

4. ETAPAS DE REALIZAÇÃO

4.1. ESTRATÉGIAS DE DIREÇÃO: DESTAQUES DA SINTAXE AUDIOVISUAL

Por tratar-se de um documentário feito a distância, as estratégias de direção tornaram-se extremamente limitadas. No entanto, no processo de captação, foi de extrema importância a orientação por parte do realizador em diretrizes para os enquadramentos e a iluminação - desta forma, garantiu-se sempre a captação em

formato horizontal, com o personagem centralizado e bem iluminado, minimizando as variações na qualidade de imagem características de uma vídeo-chamada.

4.2. ROTEIRO COM A ESTRUTURA NARRATIVA

O roteiro de perguntas abaixo foi utilizado como guia nas gravações, sofrendo alterações conforme o andamento das entrevistas.

- Me fale seu nome completo e que você autoriza o uso de sua imagem e voz para a realização deste documentário.
- Como você se identifica em relação a gênero, sexualidade, pronomes, etc?
- Como foi a sua infância e como era a sua relação com seus pais?
- Como era sua vida escolar? Tinha amigos? Era excluído? por quê?
- Como foi a descoberta da sua sexualidade e/ou identidade de gênero?
- Você saiu do armário? Como foi esse processo para família e amigos?
- Como você se identifica em relação a gênero e sexualidade? Já se identificou de outra maneira? Qual? Quando foi isso?
- Você sente alguma diferença no seu processo de saída do armário, por ser bissexual, em relação a amigos(as) gays/lésbicas? Conte casos.
- Como você acha que é seu comportamento? Sua maneira de ser com os outros? Ela se altera conforme você estabelece laços mais próximos e íntimos? Como? Conte casos.
- Você se considera uma pessoa afeminada? Como você acha que isso impacta na sua relação com mulheres? Por quê? Conte casos.
- Que tipo de relações você já teve? Como foi a primeira?
- Você já teve alguma relação com mulheres? E com homens? Como foi? Quais foram as diferenças?
- Tem diferença entre se relacionar com homens e mulheres - desde um flerte, algo casual, até um relacionamento sério? Qual?
- Alguma coisa te marca/ marcou por ser um homem bissexual? O que te incomoda? Porque?
- Como você avalia a sua saúde mental? Você acha que a sua sexualidade influencia nessa questão? Por quê?
- O isolamento social influenciou na relação com sua família? Por quê?

- Você acha que os gays e héteros de alguma forma não compreendem os bissexuais? Têm alguma coisa a aprender com eles?
- Como você vê o papel dos homens gays no movimento lgbt? Há diferença no protagonismo?
- Tem algum sonho para sua vida? Qual?
- Tem sonhos recorrentes? Ou algum que lembra de forma marcante?
- Quais são as suas referências bissexuais? Quais estereótipos você sente que são reforçados?
- Como você vê a diferença na vivência de um bissexual afeminado e um não afeminado? Você acha que bissexuais desfrutam de maior passabilidade?
- Quais questões você julga importantes quando se discute bissexualidade, principalmente a masculina?
- Você já tinha dado entrevista antes? Como foi? Tinha falado desses assuntos antes? Como foi falar sobre isso?
- Tem alguma coisa que você queria que eu te perguntasse? (e não perguntei?)

A estrutura narrativa do documentário, no entanto, só foi completamente estabelecida no momento da montagem, onde se estruturou o filme em blocos temáticos e se fez a relação com o material de arquivo. Dessa forma, o filme inicia com pequenos trechos das respostas às perguntas sobre sonhos, provocando a curiosidade do expectador. Então, inicia-se a leitura do manifesto bissexual de 1990, intercalando-o com imagens de arquivo de programas de televisão e conteúdo das redes sociais dos personagens. Após a vinheta de abertura, o documentário segue o ritmo da fala dos entrevistados, com inserções de material de arquivo que contextualizam as falas e os exemplos citados pelos participantes. O filme se encerra retomando o trecho inicial da abertura, revelando os relatos sobre sonhos.

4.3. TEXTOS DE NARRAÇÃO

Na sequência de abertura do documentário foi feita a leitura do manifesto bissexual pelo realizador do documentário. Texto publicado originalmente em 1990, pela revista “Anything That Moves”.

“Nós estamos cansados de sermos analisados, definidos e representados por outras pessoas que não somos nós mesmos, ou ainda pior, não sermos nem considerados. Nós estamos frustrados pelo isolamento imposto e pela invisibilidade que vem de nos dizerem ou esperarem que escolhamos uma identidade homo ou heterossexual. Monossexualidade é um princípio heterossexista usado para oprimir homossexuais e para negar a validade da bissexualidade. Bissexualidade é uma identidade completa e fluida. Não assuma que a bissexualidade é naturalmente binária ou não-monogâmica: que nós temos “dois” lados ou que nós precisamos estar envolvidos simultaneamente com dois gêneros para sermos seres humanos completos. Aliás, não assuma que existem apenas dois gêneros. Não interprete nossa fluidez como confusão, irresponsabilidade, ou inabilidade de se comprometer. Não equipare promiscuidade, infidelidade, ou comportamento sexual inseguro com bissexualidade. Esses são comportamentos humanos que atravessam todas as orientações sexuais. Nada deve ser presumido sobre a sexualidade de ninguém, incluindo a sua. Nós estamos irritados com aqueles que se recusam a aceitar nossa existência; nossas questões; nossas contribuições; nossas alianças; nossas vozes. É hora da voz bissexual ser ouvida.”

4.4. MATERIAL DE ARQUIVO

Redes Sociais:

Caíque Gomes

<https://www.facebook.com/caiquemaria05>

https://www.instagram.com/ogomexx_/

Gabriel Moreira

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100002577636796>

https://www.instagram.com/moreirat_/

Matheus Delfino

<https://www.facebook.com/mattwhoviam>

<https://www.instagram.com/monocromatt>

<https://www.tiktok.com/@mattdelfino>

Tiago Moura

<https://www.facebook.com/tiago.moura.5876060>

https://www.instagram.com/indie_oto/

Televisão:

Caso do dia (04/07/18) - Parte 1 | Ou você é gay ou hétero... | Casos de Família

<https://www.youtube.com/watch?v=xkM24FRMNbQ>

David Bowie | Interview | Afternoon plus | 1979

<https://www.youtube.com/watch?v=LwTFW4kfHI4>

Brooklyn Nine-Nine - Jake Gives Rosa Advice (Episode Highlight)

<https://www.youtube.com/watch?v=hftIXc3B8qw>

Vamos falar sobre bissexualidade? | Casos de Família (22/01/20)

<https://www.youtube.com/watch?v=VIOLjydmzoz>

Músicas e Videoclipes:

Arcade Fire - We Exist

<https://www.youtube.com/watch?v=D88CgllMWql>

Azealia Banks - Anna Wintour

<https://www.youtube.com/watch?v=au8QGTiPhEw>

David Bowie - Heroes (Official Video)

<https://www.youtube.com/watch?v=IXgkuM2NhYI>

Lady Gaga - The Edge Of Glory (Official Music Video)

<https://www.youtube.com/watch?v=QeWBS0JBNzQ>

Lady Gaga - 911 (Official Music Video)

https://www.youtube.com/watch?v=58hoktsqk_Q

Queen - I Want To Break Free (Official Video)

<https://www.youtube.com/watch?v=f4Mc-NYPHaQ>

4.5. DEPOIMENTOS E ENTREVISTAS; CAPTAÇÃO DE DEPOIMENTOS

As entrevistas realizadas para o documentário foram:

Luara Lima (Assis, PR) - gravada em 21/04/2020 - esta entrevista foi descartada pois a entrevistada se descobriu trans após a gravação, não mais condizendo com a proposta do documentário. A entrevista, no entanto, foi de extrema importância na consolidação do roteiro de perguntas e serviu como um teste

Gabriel Moreira (Niterói, RJ) - gravada em 10/04/2020 - realizei o contato com Gabriel através do twitter, plataforma onde este milita diariamente em prol da causa bissexual. Observando seu perfil, percebi que seu depoimento seria essencial para trazer a visão da bissexualidade através das causas sociais.

Matheus Delfino (Curitiba, PR) - gravada em 28/08/2020 - o depoimento de Matheus traz a bissexualidade através do viés do questionamento. Apesar de se definir como bissexual, Matheus já se definiu como gay anteriormente e ainda se percebe em um processo de descobrimento contínuo.

Tiago Moura (Curitiba, PR) - gravada em 28/08/2020 - Tiago é o melhor amigo de Matheus, sendo sua participação uma indicação. Sua entrevista traz aspectos importantes sobre a relação entre a performance de feminilidade e a bissexualidade.

Caíque Gomes (Guarulhos, SP) - gravada em 26/09/2020 - também realizei o contato com Caíque através do twitter. O relato de Caíque é importante pois seu processo de descobrimento é o mais recente (ano passado), trazendo relatos mais ricos em detalhes.

4.6. RECURSOS E MATERIAIS UTILIZADOS

Em virtude da pandemia do novo coronavírus, este documentário foi realizado através de entrevistas por vídeo chamada. Desta forma foram necessários os seguintes recursos e materiais:

- Skype, Hangouts e Google Meet - para realização das chamadas de vídeo
- OBS - Open Broadcaster Software - para gravação do vídeo e áudio da entrevista.
- Adobe Premiere Pro 2020 - Para edição das entrevistas
- Google Docs - para redação de roteiros, minutagens e deste memorial.
- Notebook, fones de ouvido e mouse.

4.7. EDIÇÃO E MONTAGEM

Roteiro de edição

1. Abertura com trechos dos sonhos e leitura do manifesto bissexual de 1990.
2. Apresentações - nomes e sexualidade; o que marca em ser bissexual?
3. Infância e relação com pais.
4. Entreato - contextualização visual e musical do personagem - Matheus Delfino.
5. Continuação - Infância e relação com os pais
6. Entreato - contextualização visual e musical do personagem - Tiago Moura.
7. Definições de bissexualidade.

8. Descoberta da sexualidade; saída do armário; diferenças no processo para um bissexual.
9. Entreato - contextualização visual e musical do personagem - Caíque Gomes.
10. Saúde mental.
11. Feminilidade; relacionamento com mulheres; passabilidade bissexual.
12. Entreato - contextualização visual e musical do personagem - Gabriel Moreira
13. Estereótipos; referências; representatividade na mídia.
14. Movimento LGBT e protagonismos.
15. Qual o seu sonho de vida? Encerramento com sonhos completos.
16. Créditos e referências.

5. PÓS-PRODUÇÃO

Após o encerramento das gravações foi feita uma primeira edição, retirando os trechos não pertinentes das chamadas de vídeo - momentos de teste, falha no sinal, dificuldade de compreensão, etc. A seguir, cada entrevista foi editada mais uma vez, reduzindo ainda mais o material bruto utilizável. Então, cada uma dos vídeos foi reassistido e minutado, de forma a facilitar a montagem. A seguir, elaborou-se o roteiro de edição (apresentado anteriormente), dividindo o documentário em diversos blocos temáticos.

Então, para cada tema, verificou-se as respostas de cada um dos participantes e, tendo-as lado a lado, foi possível perceber quais eram mais interessantes e, por exemplo, qual das respostas havia sido melhor desenvolvida, no caso de redundância. Assim, construiu-se um discurso a partir da articulação de trechos de falas dos 4 entrevistados em cada bloco.

Cada um deles escolheu, então, uma música que o representasse. Houve, então, uma pesquisa em bancos de dados para ilustrar a fala de cada um - da internet foram retirados conteúdos como fotos, vídeos, clipes de música e capturas de tela. Assim, foi possível inserir esse conteúdo ao longo do filme e também realizar 4 pequenos entreatos que buscaram contextualizar visual e musicalmente cada um dos personagens.

A partir da imagem da bandeira bissexual, foram confeccionadas, também, diversas molduras animadas (previamente apresentadas na diretriz audiovisual)

através de inúmeros processos de distorção. Essas molduras foram inseridas de forma a preencher a totalidade do quadro do vídeo.

Por fim, houve uma edição de áudio, normalizando o volume e garantindo que não existissem transições abruptas.

6. ESTRATÉGIAS DE VISIBILIDADES DO PRODUTO

Como estratégia de visibilidade, foi desenvolvido um pequeno teaser em conjunto com a disciplina de direção de fotografia. Este foi divulgado em forma de posts e storys nas diversas redes sociais - Instagram, Facebook, Whatsapp, Twitter, etc. O teaser (disponível em: <https://youtu.be/t8Zl6Jbz9EM> e na versão mobile em: <https://youtu.be/QDMhKGTSofFo>) consiste na leitura do manifesto bissexual pelo realizador do documentário.

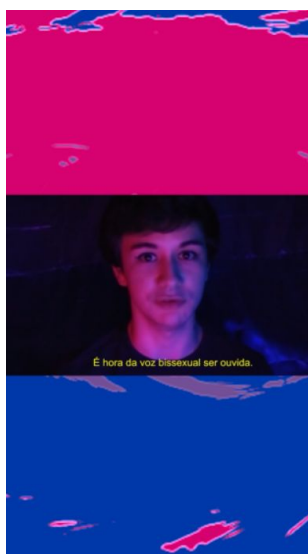
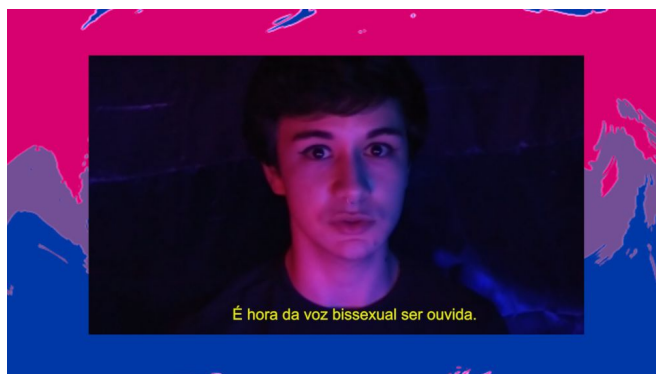


Fig.15 e 16 - Frames do teaser.

Além disso, o filme foi legendado de forma a se tornar o mais acessível possível. O documentário será, também, enviado a festivais (tanto os dirigidos ao público geral quanto ao público LGBTQ+) e, posteriormente, divulgado na internet através do YouTube e demais redes sociais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do atípico e turbulento ano de 2020, a realização de (BI)CHAS passou por diversas fases. Ao fim do primeiro semestre do ano, cheguei a pensar em adiar a entrega do TCC para o ano de 2021, na esperança de poder realizá-lo como pretendia, isto é, com entrevistas presenciais, iluminação adequada, contato mais próximo com cada entrevistado.

No entanto, diante da incerteza sobre situação da pandemia no próximo ano, decidi continuar e produzi-lo da forma que era possível - à distância, da mesma forma que todos nós temos trabalhado, tendo aulas, encontrando amigos e familiares, etc.

Apesar das limitações técnicas impostas (a consistência na qualidade de áudio e vídeo foi um dos maiores desafios), continuei e apostei em uma obra onde o discurso fosse o foco, acima de tudo.

No início, me frustrei. Não teria, visualmente, a qualidade que eu pretendia. Agora, ao verificar a qualidade da mensagem transmitida, me alegro na esperança de que este documentário atinja as pessoas que mais precisam dele. Assim foi produzido o primeiro documentário do Brasil sobre homens bissexuais.

8. REFERÊNCIAS

DA SILVA, Claudio Roberto; DE LARA, Marilda Lopes Ginez. Os termos relativos ao segmento GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros) no contexto das linguagens documentárias. **Informação & Informação**, v. 9, n. 1-2, p. 33-47, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo, Graal, 2012.

GARCIA, Wilton. Diversidade sexual no documentário brasileiro: estudos contemporâneos. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 2010.

LEWIS, Elizabeth S. **Não é uma fase: Construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. 2012. 267 f.** 2012. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Letras/Estudos da Linguagem) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

MACHADO, Arlindo. Novos territórios do documentário. **DOC On-line: Revista Digital de Cinema Documentário**, n. 11, p. 5-24, 2011. Disponível em: http://www.doc.ubi.pt/11/dossier_arlindo_machado.pdf. Acesso em 07/01/2020.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós produção.** Campinas: Papyrus, 2009. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp141999.pdf>. Acesso em 07/01/2020.

SEFFNER, Fernando; FIGLIUZZI, Adriza. Na escola e nas revistas: reconhecendo pedagogias do gênero, da sexualidade e do corpo. **Revista entreideias: educação, cultura e sociedade**, n. 19, 2011.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual.** Paco Editorial, 2016.

STORR, Merl. **Bisexuality: A critical reader.** Routledge, 2013.

Filmes

BIXA Travesty (2018). Direção de Claudia Priscilla e Kiko Goifman. Válvula Produções, PaleoTV Produções. Acesso em 07/01/2020.

TEMPORADA de Caça (1988). Direção de Rita Moreira. Produção independente. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rjan_Yd0C5g. Acesso em 07/01/2020.

Vídeos

Arcade Fire - We Exist. Arcade Fire. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=D88CgIIlMWqI>. Acesso em 12/11/2020.

Azealia Banks - Anna Wintour. Azealia Banks. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=au8QGTiPhEw>. Acesso em 12/11/2020.

Bisexual Lighting: the Rise of Pink, Purple, and Blue. KyleKallgrenBHH.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8gU3IA4u-J8>. Acesso em 12/01/2020.

Brooklyn Nine-Nine - Jake Gives Rosa Advice (Episode Highlight). Disponível

em: <https://www.youtube.com/watch?v=hftIXc3B8qw>. Acesso em: 25/10/2020 .

Caso do dia (04/07/18) - Parte 1 | Ou você é gay ou hétero... | Casos de Família.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xkM24FRMNbQ>. Acesso em 25/10/2020.

David Bowie - Heroes (Official Video). David Bowie. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=IXgkuM2NhYI>. Acesso em 12/11/2020.

Lady Gaga - The Edge Of Glory (Official Music Video). Lady Gaga. Disponível

em: <https://www.youtube.com/watch?v=QeWBS0JBNzQ>. Acesso em 12/11/2020.

Lady Gaga - 911 (Official Music Video). Lady Gaga. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=58hoktsqk_Q. Acesso em 12/11/2020.

Queen - I Want To Break Free (Official Video). Queen. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=au8QGTiPhEw>. Acesso em 12/11/2020.

Vamos falar sobre bissexualidade? (22/01/20). Casos de Família.

<https://www.youtube.com/watch?v=VIOLjydmmzo>. Acesso em: 25/10/2020.